

## O Alencar do Jornal: Memória Poética da Língua

Atilio Catosso Salles<sup>1</sup>

**Resumo:** Os sons, as palavras, as imagens, [...] que nos cerceiam apresentam uma impressão de transparência/literalidade em seus sentidos, como dados *a priori*. No entanto, o procedimento de interpretação que nutrimos em relação aos sentidos é o da multiplicidade, da largueza, da possibilidade de emaranhamento, cujo efeito de perda/ganha se dá no mesmo espaço, pela opacidade da língua/sujeito/história. Assim, a pesquisa que segue é resultado do interesse de compreender o funcionamento da multiplicidade dos sentidos que se estabeleceu na tessitura da escrita jornalística do século XIV no estado de Mato Grosso, em face da produção poética de José de Alencar. Para trilhar esse percurso de leitura, filiamo-nos à teoria da Análise de Discurso (Pêcheux, 1988; Orlandi, 1999), perguntando pelos modos a partir dos quais a escrita jornalística materializa e produz sentidos para o sujeito e para própria língua. A língua jornalística, enquanto espaço de espelhamento da relação língua/sujeito/mundo, inscreve discursivamente o articulista/poético no modo como joga com o *já-lá* dos sentidos. Desse modo, para melhor traçar o percurso analítico, empreenderemos um estudo dessa relação a partir de Orlandi (2001; 1990), Pêcheux (1998), Payer (2006), Mariani (2008) e Authier-Revuz (1998) para problematizar como que se constitui o espaço de repetição, em que um dizer silencia outros dizeres da memória sócio-histórica constitutivas do sujeito. Dessa maneira, os sentidos serão tomados como gestos de leitura que definem a posição mato-grossense em relação à configuração do sujeito nacional e da própria língua em movimento, no jogo do fio discursivo da imprensa em Cuiabá.

**Palavras-chave:** Análise de discurso, língua, heterogeneidade enunciativa, alteridade e falha.

**Abstract:** The sounds, words, images, [...] that we further curtailed present an impression of transparency/literality in their senses, as given *a priori*. However, the procedure of interpretation that we nurture in relation to the senses and the multiplicity, the largeness, of the possibility of entanglement, the effect of loss/win is occurs in the same space, the opacity of the language / subject / history. Thus, the research that follows is the result of the interest to understand the functioning of the multiplicity of the senses which has established itself in the fabric of journalistic writing in the 14th Century in the state of Mato Grosso, in the face of poetic production of José de Alencar. To tread the path of reading we are affiliated to the theory of Discourse Analysis (Pêcheux, 1988; Orlandi, 1999), asking for ways from which the written journalistic embodies and produces meanings for the subject and language itself. The language journalism as an area of about mirroring language / subject / world, we consider your application in discourse, the writer and poetry plays with the already-there of the senses. Thus, to better delineate the analytical path, we will undertake a study of this relationship from Orlandi (2001, 1990), Pêcheux (1998) and Authier-Revuz (1998) to discuss how that constitutes the space of repetition, in which say a silent other words the socio-historical memory that constitutes the subject. Thus, the senses will be taken as read gestures that define the position of Mato Grosso in relation to the configuration of the subject's own language and national moving the game from the press discursive thread in Cuiabá.

**Keywords:** Discourse analysis, language, enunciation heterogeneity, otherness and failure.

“Poetas e tontos são feitos com palavras”  
Manoel de Barros

“[...] nenhuma palavra é virgem, mas, ao contrário, carregada, “habitada” pelos discursos em que tenha vivido sua vida de

---

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Letras – UNEMAT – Campus Universitário de Pontes e Lacerda – Iniciação Científica/PROBIC - email: atilio-letras-unemat@hotmail.com, sob orientação da professora Dr.<sup>a</sup> Eliana de Almeida

## **O Alencar do Jornal: Memória Poética da Língua**

palavra [...]” (Authier-Revuz, 1999,  
p.9-10)

Diante das reflexões teóricas desenvolvidas no interior do Grupo *Cartografias da Linguagem*, objetivando pelos estudos da história das idéias lingüísticas no Brasil a questão da constituição da subjetividade no espaço discursivo do jornal e da literatura que circulou em Mato Grosso na segunda metade do XIX, conforme resultados apresentados pelo Projeto Topografias Discursivas: Uma História das Ideias em Mato Grosso, inscrevo este trabalho de leitura, buscando dar visibilidade aos processos de construção da nacionalidade do sujeito brasileiro numa relação com a língua.

É pela história da constituição de uma língua, que segundo Orlandi (2002) podemos tomar como materialidade de análise a história de um país e de suas instituições. Assim, visamos dar visibilidade às produções e aos espaços discursivos produzidos pela imprensa mato-grossense, no processo de constituição dessa língua nacional no espaço mato-grossense do século XIX.

Tomamos esse funcionamento discursivo da escrita jornalística do século XIX, em jornais que circularam no estado de Mato Grosso, numa relação com a produção literária de José de Alencar, mais especificamente no ano de sua morte como material de análise. Filio-me à teoria da Análise de Discurso (Pêcheux, 1988; Orlandi, 1999), questionando pelos modos a partir dos quais a escrita jornalística materializa e produz sentidos para o sujeito e para própria língua. Pela língua jornalística enquanto espaço de espelhamento da relação língua/sujeito/mundo, problematizamos o estudo dessa relação a partir de Orlandi (2001; 1990), Pêcheux (1998), Payer (2006), Mariani (2008) e Authier-Revuz (1998) perguntando como que se constitui o espaço de repetição nesse material que fora recortado para leitura, pois em um primeiro contato observamos os dizeres silenciados por outros dizeres da memória sócio-histórica que constitui o sujeito do XIX.

Os textos jornalísticos que tomamos como materialidade lingüística, ao dizer sobre José de Alencar acabam por produzir inconscientemente um efeito de alteridade, ou seja, o Outro da língua se torna constitutivo do sujeito articulista. Desse modo, propusemos questionar em nosso corte, as noções teóricas de sujeito e língua para observar como se constitui um sujeito dividido-desdobrado no espaço do mesmo e do outro e também o incrível jogo de formações discursivas entre si, do discurso e o *outrem*, que é produzido na materialidade da língua. Assim, os sentidos serão tomados como gestos de leitura que

definem a posição mato-grossense em relação à configuração do sujeito nacional e da própria língua em movimento, no jogo discursivo da imprensa em Cuiabá.

Authier-Revuz (1998, pág. 21) considera que ao pensarmos o primado do interdiscurso, esse espaço de produção de sentidos instaura-se enquanto heterogeneidade constitutiva da língua pelo entrelaçamento de um ‘mesmo’ do discurso com o seu ‘Outro’. Em sua obra *Palavras Incertas: As não-coincidências do dizer*, a autora trabalha a noção de modalização autonímica, teorizando o conceito de *não-coincidências* no campo teórico da Enunciação recorrendo também a outras áreas do conhecimento, como a psicanálise lacaniana, o dialogismo bakhtiano, além da noção de interdiscurso de Pêcheux.

De acordo com a autora, o estudo da configuração enunciativa da reflexividade metaenunciativa, que é a modalização autonímica do dizer, visa compreender as formas *linguísticas ou discursivas*, através das quais se realiza um desdobramento metaenunciativo. Nesse sentido, Authier-Revuz, nos apresenta a configuração da forma de auto-representação do dizer no campo da metalinguagem e da enunciação.

No entanto, o crucial para a compreensão da auto-representação é a linha de fratura fundamental que se passa entre o *sujeito origem* (o da psicologia) e o *sujeito-efeito* (o da psicanálise, que é assujeitado ao inconsciente. Desde modo, se nos apoiarmos em um sujeito fonte de seu dizer, teremos uma língua reduzida apenas a instrumento de comunicação, que segundo Authier-Revuz, é o caso das abordagens pragmático-comunicacionais. Os sentidos nesta configuração são transparentes e é até possível considerar que as formas de representações desse dizer se caracterizam como um reflexo do real da língua.

Filiamo-nos num espaço teórico que destitui ‘o sujeito do domínio de seu dizer’, e considera a intervenção da teoria psicanalítica lacaniana neste trabalho de suma importância, pois, contribuiu para que Authier-Revuz compreendesse o efeito da linguagem como condição do inconsciente, em que um Outro habita e constitui o um, bem como seu discurso. O sujeito é produzido na/pela linguagem como sendo descentrado, afetado pelo inconsciente, clivado, ou seja, não sendo controlador de seu dizer. No entanto, esse *sujeito-causa* tem sim a necessidade de acreditar-se detentor de saberes. A isso chamamos ilusão subjetiva.

Logo, Authier-Revuz trata de quatro campos de não-coincidências ou heterogeneidade que o dizer produz/desdobra. Para a autora, esse modo de representação das não-coincidências, não levam em conta a intencionalidade, já que se evidenciam na língua ao mesmo tempo como máscaras delas mesmas.

## **O Alencar do Jornal: Memória Poética da Língua**

A primeira representação é compreendida como uma concepção lacaniana do sujeito, uma não-coincidência do sujeito consigo mesmo, que se dá pelo fato do inconsciente ser ponto fundamental entre os dois sujeitos. A autora postula que essa representação se inscreve em duas versões; – a – conjurar o fato que o modo de dizer ou um sentido não é ‘completamente partilhado’; – b – ou levar em consideração o *não-um*, ou seja, marcar as palavras do sujeito como não sendo as suas.

A segunda, não-coincidência do discurso consigo mesmo, é colocada em referência ao dialogismo bakhtiniano, em que ‘toda palavra que é produzida no espaço do já dito dos outros discursos, é habitado pelo discurso do outro’, ou seja, quando ‘eu falo aqui’, ‘algo fala em outro lugar’. Ainda em relação a essa representação do dizer Authier-Revuz, apresenta seis proposições, vejamos:

- (1) **balizagem ou incerteza** do traçado (desde o elemento “citado” com todas as precisões, até a retomada não marcada); (2) exterior “**apropriado**” ao objeto do dizer (isto é, em que uma palavra “ não de si “ se impõe como palavra “ disto do qual se fala “; por exemplo: palavra de um outro lugar, de uma outra época [...] do qual se fala, e se impõe como apropriada a esse objeto [...]; (3) maneira de dizer outra tomada como “**roupagem**” outra para um mesmo conteúdo vs. como **ponto de vista** outro sobre o real; (4) exterioridade de **uma palavra** ou do **sentido de uma palavra** [...]; (5) tipo do outro: outra língua, região, época, registro, “socioleto”, discurso teórico, posição política...; (6) o exterior do **repetido** no singular [...].  
(Authier-Revuz, 1998, p.23)

A terceira representação do dizer é a não-coincidência entre as palavras e as coisas. Nesta, observa-se uma dupla perspectiva, em que de um lado, as ‘infinitas singularidades do real’ a nomear, se inscreve em um jogo inevitável da nomeação; e no outro lado, de acordo com termos lacanianos do real da língua, isto é, a da falta que é constitutiva do sujeito, desemboca na constante perda da linguagem.

Por fim, a quarta e última não-coincidência é a das palavras consigo mesmas. Podemos afirmar que a essa representação do dizer consagra o “sistema lingüístico de unidades distintas, e testemunha o encontro dos enunciadores com o equívoco, em quatro esferas – “(1) respostas de fixação de um sentido; (2) figuras do dizer alterado pelo encontro com o não-um; (3) o sentido estendido no não-um; (4) o dizer reafirmado pelo não-um (Authier-Revuz, 1998, p. 25).

Após esse percurso teórico a autora conclui seu texto afirmando que os dizeres não são óbvios, já que é no real das não-coincidências que há esse afetamento do Outro, lugar onde se produz sentidos. É por isso que as palavras que enunciamos não *falam* por si. Desse

modo, a opacidade da relação língua/sujeito/sentido conduz Authier-Revuz a pensar uma forma mais flexível de sistema significante, considerando os lapsos, os atos falhos e os equívocos como sendo constitutivos da linguagem e destacando que o discurso do eu é sempre marcado pela incessante voz do outro, o que faz com que nossas palavras não sejam intactas, mas sim habitadas por essa voz outra.

Feito esse breve percurso pela teoria enunciativa de Authier-Revuz, passamos ao estudo e reflexão que Orlandi tece em sua obra *Terra à Vista* (1990), sobre essa questão mesma da heterogeneidade constitutiva. Diante disso, quando Authier-Revuz afirma que o interdiscurso corresponde ao ‘isso fala’, o sentido já lá da heterogeneidade constitutiva e como-diz-outro da heterogeneidade mostrada, observamos que o que está sendo colocado em pauta é o visível, o mostrado, que, já para a teoria da Análise do Discurso corresponde ao dizível, ou seja, a relação do sujeito com as formações discursivas (FDs), com o discurso.

As formações discursivas é o que define o que pode e deve ser dito - o dizível -, a partir de uma posição sujeito e sua conjuntura dada. É o complexo das FDs, ou interdiscurso, que remetem o texto a sua exterioridade, já que é no interdiscurso que se constitui o domínio do dizer, a memória dos sentidos, o repetível. O intradiscurso é o espaço de formulação desses funcionamentos. Assim, a relação do interdiscurso com o intradiscurso nos remete o dizer do sujeito ao outro constitutivo, que já tem sentido “diferente” e não heterogêneo, pois a heterogeneidade como está estruturada, trabalha muito mais com formulação do que com a constituição do sentido, ou seja, com a historicidade do mesmo.

De acordo com Orlandi, para Authier-Revuz a noção de heterogeneidade aparece como sendo uma mistura de  $(a+b)$ , sendo estes recuperáveis e distintos. Desta forma, a ilusão do sujeito estar na origem permite a recuperação da homogeneidade, convivendo assim ao mesmo tempo o visível, e a unidade. Já para a Análise de Discurso é possível somente a combinação  $ab$ , onde não há possibilidade de recuperação da origem, visto que só são efeitos que estão lá.

No entanto devemos observar que o trabalho de Authier-Revuz, trouxe de certa forma, um deslocamento importante ao modo como se considera a enunciação, produzindo o ‘enunciável’ e não apenas o gramatical, embora esse deslocamento não fora o bastante para sustentar a questão do diferente, ao jogo de transparências que habitam a produção/formulação dos sentidos.

De fato, a reformulação da noção de enunciado por Ducrot, conduz ao afastamento da concepção *unicista* da figura do enunciador, que fora formulado inicialmente

## **O Alencar do Jornal: Memória Poética da Língua**

por Benveniste e possibilita que haja o encontro no interior de um único enunciado, a voz do outro. Dito de outra forma, o sujeito não-unicista admite o seu sentido dialógico e heterogêneo, constituindo assim um caráter de alteridade na atividade linguageira, visto que, o dialogismo é tido como princípio constitutivo do sentido dos enunciados e da linguagem.

Com este deslocamento operado pela linguística, o termo dialogia se mantém estreitamente ligado as suas noções correlatas: “fala de outrem, vozes diferentes, vozes dos outros, discurso do outro, inter-relação dialógica, ressonâncias dialógicas, multiplicidade de vozes, polifonia [...], entre outras”. (Indursky, 2000, p.70)

No entanto, deve-se compreender que a noção dialógica elaborada por Bakhtin, embora “admita que o signo é ideológico e que a linguagem é social” ( Bakhtin, 1981b), a sua teoria concebe que o sujeito não é interpelado pela ideologia e é consciente de seus atos. Assim, observamos que tal sujeito se difere no corte teórico do sujeito da Análise de Discurso, visto, que Pêcheux concebe o sujeito do discurso, como:

Descentrado, o sujeito cinde-se, torna-se uma posição-sujeito entre outras que decompõem a forma-sujeito, o sujeito-histórico que organiza o saber de uma Formação Discursiva, fazendo soar em seu discurso o já-dito em outro lugar. (Pêcheux, 1975, p.99)

Daí que compreendemos que o sujeito não tem sentido (*porto originário, ou seguro*), que não há origem do sentido/sujeito/história, e sim o que há são efeitos de sentido. A constituição do interdiscurso é definida como lugar de constituição dos sentidos, em que o dizer que retorna é a forma do pré-construído, isto é, o *já dito*. Assim podemos constatar que a relação entre as formações discursivas é significada pela existência do interdiscurso e que a exterioridade que constitui o discurso também está estreitamente ligada ao interdiscurso, pois esta só se define em função do mesmo.

Agora vendo não apenas como uma tensão a relação entre *o mesmo e o diferente*, mas sim, como afirma Orlandi, como sendo uma *confusão*, onde ora aparecem misturados ou combinados, difusos ou dispersos e que às vezes não dá para diferenciá-los no discurso é que compreendemos melhor a natureza do processo da produção do discurso.

Pois, quando pensamos o sentido enquanto espaço, observamos que “o espaço em que se espraiam os sentidos é o da multiplicidade, da largueza, mas também da truncação” (Orlandi, 1990, p 43), ou seja, é onde os sentidos se multiplicam em outros, e em determinado momento acaba por emaranhar-se, perdendo/ganhando assim seu próprio sentido no mesmo espaço.

Em relação ao tempo, observaríamos que o “sentido não se deixa pegar. Instável, errático. O sentido não dura. O que dura é [...] a instituição que o fixa e o eterniza” (Orlandi, 1990, p.43), sendo este o único lugar de regularidade. Essa incompletude e instabilidade do discurso é, a *priori*, um ato falho, um efeito discursivo, já que o discurso diz muito mais do que seu próprio enunciador pretendia. A unidade do discurso é apenas um mero efeito de sentido, pois, a própria etimologia da palavra discurso configura uma ideia de curso/percurso. Talvez isso sirva para refletirmos o fato de que os discursos se movem em direção a outros, e o habitam, reforçando o conceito de que um discurso nunca está só, sempre estará atravessado por múltiplas vozes, ora legitimando, ora confrontando. A partir disso é que podemos afirmar que a Análise do Discurso supõe sentidos não apenas sobre o *já dito*, mas nas relações que esse dito estabelece com o que já foi dito antes e, até mesmo, com o não-dito, referindo-se, também, para a posição social e histórica dos sujeitos. A intenção real do enunciador não está no que foi dito e sim no não dito.

Para melhor compreender essa *hiância* que se estabelece no fio do discurso, bem como também trazer para a cena das nossas discussões as noções de ato falho e incompletude do simbólico, traço agora um percurso adendo da obra Semântica e Discurso (1995) - *Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação*.

Pêcheux inicia seu texto nos apresentando a grande fratura teórica que se deu nos lugares de fala da Tríplice Aliança, e avisando-nos que se algo falha no plano da política, é porque algo falha do lado do sujeito. Mas afinal que Tríplice Aliança era essa? Será que essa fratura ocorrera no cenário político francês, ou seria apenas uma metáfora? Pois bem, na verdade esse sintoma de bate boca que teria se instalado na Tríplice Aliança formada na França nos anos 60 se deu em torno de Marx, Freud e Saussure e essa retificação de Pêcheux em *Só há causa daquilo que falha*, deve ser compreendido levando-se em conta o primeiro momento althusseriano no qual faz um apelo para que a psicanálise fosse capaz de renovar-se com o pensamento marxista.

No entanto observou-se um afastamento ideológico muito grande dos marxistas em relação a Freud, e isso segundo Althusser foi devido a noção de inconsciente provocar um efeito de divisão muito grande entre os campos teóricos de estudo: história/ inconsciente/ língua. Deste modo, compreende-se que a psicanálise fora responsável por causar uma enorme fissura no seio do movimento marxista, ao mostrar que o real do inconsciente não é redutível ao real da história e ainda que o sujeito do inconsciente não se reduz ao sujeito da ideologia. O sujeito do inconsciente fala afetado pelo dentro de uma posição ideológica.

## **O Alencar do Jornal: Memória Poética da Língua**

Quando a língua falha é devido a esse sujeito ocupar-se de outra esfera ideológica, posição. Assim, falhando a linguagem, falha o mundo.

A falta, essa incompletude de sentidos, vai se dizer na falha e no simbólico, visto que a interpelação ideológica é um ritual. Essa interpelação é constitutiva de falhas, brechas. Por isso o ritual se estilhaça no lapso, já que a ordem do inconsciente não coincide com a ideologia, ou seja, a ideologia não deve ser pensada necessariamente sem referência ao registro inconsciente.

Talvez nesse ponto seja pertinente refletirmos um pouco mais sobre a metáfora: não há fumaça sem fogo e refletirmos o porquê Pêcheux tenha tomado partido pelo fogo. Bem, segundo Feu de Carvalho (2008), Pêcheux toma partido pelo fogo para tocar o real, o que se implica em assumir uma posição no debate que acabara de se instalar no cenário da Tríplice Aliança. E é a partir desse conceito de falha/ incompletude dos sentidos que aponta para o inconsciente é que pensamos os textos jornalísticos redigidos no século XIX, pelos articulistas como um espaço ‘oco’ que evoca sentidos sempre falhos e incompletos.

### *OUTROS NO MESMO*

Buscamos compreender o funcionamento discursivo da escrita jornalística do século XIX em jornais que circularam no estado de Mato Grosso numa relação com a produção literária de José de Alencar, mais especificamente no ano de sua morte. Para trilhar esse percurso de leitura, filio-me à teoria da Análise de Discurso (Pêcheux, 1988; Orlandi, 1999), perguntando pelos modos a partir dos quais a escrita jornalística materializa e produz sentidos para o sujeito e própria língua, enquanto espaço de espelhamento da relação língua/sujeito/mundo. Para melhor traçar o percurso analítico, empreenderei um estudo dessa relação a partir das noções das não-coincidências, desenvolvidas por Authier-Revuz (1998) para problematizar como que se constitui o espaço de repetição, em que um dizer silencia outros dizeres da memória sócio-histórica que constitui e determina o sujeito.

A vista desse panorama, os textos jornalísticos que tomamos como material de leitura, ao dizer sobre José de Alencar, acabam por produzir o feito de alteridade, em que o Outro (do discurso literário) se dá enquanto espaço discursivo para a constituição da posição sujeito-articulista. A língua constitui o sujeito dividido-desdobrado no espaço do mesmo e do Outro e também o incrível jogo de imagens mútuas entre si e *outrem* que é produzido na materialidade da língua. Assim, os sentidos serão tomados como gestos de leitura que



definem a posição mato-grossense em relação à configuração do sujeito nacional e da própria língua em movimento, no jogo discursivo da imprensa em Cuiabá.

Authier-Revuz trata de quatro campos de não-coincidências ou heterogeneidade que o dizer produz/desdobra, das quais recorro para essa leitura apenas duas: não-coincidência do discurso consigo mesmo e a não coincidência das palavras com elas mesmas. Para a autora, o modo de representação das não-coincidências não leva em conta a intencionalidade, já que se evidenciam na língua ao mesmo tempo como máscaras delas mesmas. A primeira dessas representações é compreendida como uma concepção lacaniana do sujeito, que é a não-coincidência do sujeito consigo mesmo, inconsciente para os interlocutores, no fio da cadeia significante.

A segunda não-coincidência, a do discurso consigo mesmo, é colocada em referência ao dialogismo bakhtiniano, em que ‘toda palavra que é produzida no espaço do já dito dos outros discursos, é habitado pelo discurso do outro’, ou seja, quando ‘eu falo aqui’, ‘algo fala em outro lugar’. Discursivamente deve-se compreender que a noção dialógica elaborada por Bakhtin, embora “admita que o signo é ideológico e que a linguagem é social” (Bakhtin, 1981b), a sua teoria concebe um sujeito não interpelado pela ideologia e consciente de seus atos. Portanto, o sujeito bakhtiniano se difere da noção de sujeito para Análise do Discurso, conforme Indursky, 2000, p.70

Então, essa não-coincidência constitutiva da língua em relação a si mesma estabelece-se com o *já-lá* da memória discursiva da língua mesma. Vejamos uma formulação publicada no jornal *O Povo* (1879- ano I), em que Tavares refere-se ao poeta Gonçalves Dias:

## O Alencar do Jornal: Memória Poética da Língua



(TAVARES J. ano I, 1879).<sup>2</sup>

Blanchot (1987) discute, no campo da teoria literária, que *aí onde está o escritor só fala o ser*. Assim a posição-escritor torna-se constitutiva de um discurso que *a priori* ninguém fala *o que fala nele é uma decorrência do fato de que, de uma maneira ou de outra, já não é ele mesmo* [o articulista], *já não é ninguém*. É a partir, dessa compreensão que propomos à leitura dessa materialidade simbólica, a língua, numa relação com à memória do discurso jornalístico e literário.

Consideramos a alteridade, a partir de Leite, 2007, p.11, enquanto um lugar de representação do *inconsciente*, e um inconsciente *estruturado como linguagem, que se desdobra nos efeitos de linguagem*.

O gesto discursivo de escritura não é consciente para o articulista, uma vez que nesse gesto ele é já capturado pelos efeitos do inconsciente. O sujeito encontra-se submetido à linguagem e principalmente habitado nela e por ela, constituindo-se enquanto discurso. A partir disto, intuímos que quando Tavares – o articulista – ao escrever sobre o poeta Gonçalves Dias, o faz a partir de um discurso *já-dado*, o discurso literário possível na língua nacional brasileira em sua cadeia significante. Trata-se de um gesto de escritura clivado pelo inconsciente e habitado por uma natureza e alma poética.

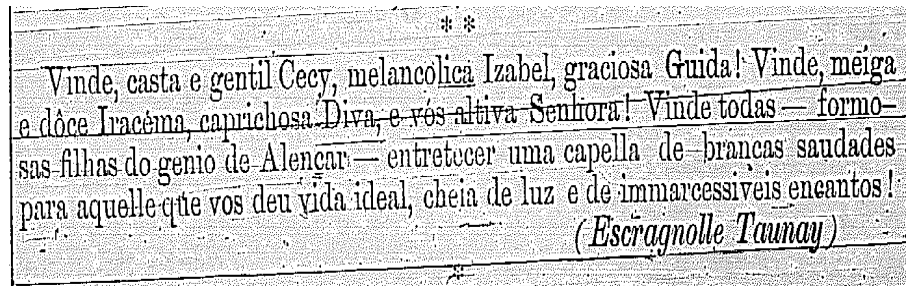
O gesto discursivo de escritura que recortamos de Tavares significa-se nessa alteridade da não-coincidência do discurso consigo mesmo na medida em que se inscreve no *já-dito* de uma formulação literária. Essa reflexividade da língua se condensa nas formulações

---

<sup>2</sup> O Brasil gigantesco berço de talentos portentosos: De Gonçalves Dias, o mavioso poeta, cuja alma elevou-se as supremas regiões à vista das verdejantes palmeiras de sua terra natal, à hora em que o sabiá descambar do sol desprende melancolicamente sua última endeiça; [...].(Tavares J. ano I, 1879).

de Tavares como se fosse o próprio Gonçalves Dias formulando nessa língua do dezenove em Mato Grosso. Gadet & Pêcheux (2004) apontam para o fato de que a materialidade simbólica da língua se dá enquanto espaço discursivo diverso para formulações poéticas como em *o poeta seria apenas aquele que consegue levar essa propriedade da linguagem a seus últimos limites*.

Na homenagem à Alencar, publicada no jornal *A Opinião* (1878- ano I), temos:



(Escragnolle Taunay, 1878- ano I)

Nessas formulações, Taunay se inscreve na posição literária de Alencar em relação à língua, “não de si” que se impõe como um dizer “disto do qual se fala”. Formulações poéticas de um mesmo lugar, mesma época, porém, em outras condições de produção, outro interlocutor. O gesto discursivo de escritura de Taunay, embora seja no jornal, inscreve-se no saber poético *já-dado* em Alencar na/sobre a língua, constituindo sentidos no mundo pelo saber suposto sobre essa mesma língua.

Do mesmo modo que Tavares, o gesto de escritura de Taunay repete/reformula sentidos na/pela língua nacional brasileira, nessas partículas de elaboração da língua “não de si”, elevadas a seus limites simbólicos, a escolha do léxico, o ritual dessa sintaxe da escrita, o excesso das predicções, etc. Orlandi (2005, p.32) em relação a proposição de que os sentidos não estabelecem espaço fixo ou particular em uma dada formulação possível da língua, afirma:

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significam em “nossas” palavras. O Sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele.

Daí, pensamos o lugar de constituição da memória dessa língua nacional no século XIX, em que Tavares e Taunay, num gesto duplo, significam-se no mesmo modo em que a língua está inscrita pelos processos de identificação na relação sujeito/língua/nação.

## **O Alencar do Jornal: Memória Poética da Língua**

Mariani, (2004, p. 30), discute a importância primeira da compreensão histórica dos processos de produção de sentidos no modo como o sujeito irá se significar na/pela língua. A autora aponta que as produções de sentidos estão entrelaçadas a diferentes lugares ocupados pelo sujeito em dada formação social, assim, há a possibilidade de sujeitos, a partir de uma mesma língua significarem-se de maneira diferente.

Lendo Payer (2006), o ritual discursivo, seja este em qualquer conjuntura dada, estabelece uma relação intrínseca com a memória, a partir da circularidade na sociedade e história. A forma-sujeito articulista/poeta do XIX está afetada por uma memória de um discurso literário no modo como circula e significa a relação língua/sujeito/mundo. Dessa forma, a língua supõe memória, ao ser passível de repetição para significar-se e os sentidos que a constituem circunscrevem-se formas-sujeito escritor que se estruturam diferentemente de acordo com a posição ideológica que assume.

A identidade de uma nação no espaço do século XIX aspira à construção de uma natureza que nos remete a apreciação de um contexto grandioso e harmônico. Como recurso estilístico, o articulista/poeta brinca com jogos de personificação, remetendo-nos a elevação destes elementos naturais tidos como nacionais e/ou específicos de uma nação: “gigantesco berço / eleva-se as supremas regiões à vista das verdejantes palmeiras de sua terra natal, à hora em que o sabiá descambar do sol desprende melancolicamente sua última endeixa; [...]. (Tavares J. ano I, 1879).

Esse funcionamento discursivo representado na citação de Tavares, próprio da língua, conforme Pêcheux (2004) é significado de certo modo a partir de um saber suposto da escrita poética, circunscrevendo a criação de um mundo e admitindo a ficção da própria língua, do mundo. Nesse sentido, Almeida conceitua:

[...] o signo constitui-se metalíngua à medida que aponta para o significado de algo – o mundo fictício, ao mesmo tempo em que o significa no modo como se dá – como a língua o significa. Ou seja, o signo é reiterativo de sentidos, porque significa algo e o significa de certo modo.  
(2010, p.7)

É na reiteração dos sentidos da hiância de marcar um sujeito nacional, cuja possibilidade de deslizamentos se faz presente, que a poesia está no próprio da língua enquanto lugar de todo processo de significação. Assim, as versões de um nacionalismo e identidade linguística são de acordo com Mariani (2008, p.26) “projeções que, tomando a língua como objeto simbólico da nação, fazem consistir a língua nacional de acordo com

predicações que a qualificam ‘sendo isso ou aquilo’ ou que a caracterizam como tendo isso ou aquilo”.

Esse lugar *não-de-si* de dizer a poesia na língua é marcado como constitutivo do discurso do Outro, sendo possível especificar fronteiras entre si e o Outro em suas diferentes instâncias de condições de produção. Diferentes interlocutores, épocas, materialidades de divulgação, etc. o discurso da e sobre a língua mantém-se o mesmo e ressignifica-se no movimento da história, produzindo em si mesmo, por diferença, sua própria imagem, conforme Authier-Revuz, 1998, p. 23.

A especularidade da relação língua/sujeito/história, que a princípio estabelece uma unidade imaginária política/linguística no cenário do XIX, desliza-se por palavras porosas de um discurso constitutivo, pelas quais restituem no coração dos sentidos sobre a língua uma carga nutriente e destituente (Authier-Revuz, 1998, p.26). O excesso das predicações nesse material que recortamos produz o efeito de condensação de sentidos possível pela formulação da poesia na língua: *brasil gigantesco, berço de talentosos portentosos, o mavioso poeta, supremas regiões, verdejantes palmeiras, terra natal, última indeixa [...]*, (Tavares J. ano I, 1879). *Casta e gentil Cecy, melancólica Izabel, graciosa Guida, meiga e doce Iracema, caprichosa Diva, altiva Senhora, formosas filhas, gênio de Alencar, brancas saudades, vida ideal, cheia de luz, imarcescíveis encantos*, (Escragnolle Taunay, 1878- ano I).

As predicações a serem atribuídas a essa língua produzem um movimento de completude ou pelo menos se procura evidenciar tal completude, na tentativa de representar e fixar uma identidade. Todavia, a incompletude é umas das condições da linguagem, visto que nem tudo pode ser dito, sempre há algo por ainda dizer, algo que escapa ao simbólico e permanece na esfera do indizível, a isso denominamos real da língua. Mariani (2008, p.26) formula:

Há real: há pontos de impossível determinando o que não pode não ser dito de outra maneira. É porque há real, algo que escapa ao simbólico, que nos deparamos com a falha na cadeia significante e com seus efeitos, ou seja, os deslizamentos de sentidos, os equívocos, os atos falhos.

Nesse ínterim, torna-se pertinente afirmar que os dizeres não são óbvios, já que é no real das não-coincidências que há o afetamento do Outro, lugar em que se produzem sentidos. É por isso que as palavras que enunciamos não *falam* por si e desse modo a opacidade da relação língua/sujeito/história nos conduz a pensar os lapsos, os atos falhos e os

## **O Alencar do Jornal: Memória Poética da Língua**

equivocos como sendo constitutivos da linguagem, marcados pela incessante voz do Outro, fazendo com que nossas palavras não sejam intactas, mas sim habitadas por outras vozes.

Do exposto acima, Authier-Revuz aponta o duplo da heterogeneidade dos sentidos da língua sob a denominação das não-coincidências do dizer. Seu estudo baseia na apresentação de quatro não-coincidências, sendo que duas delas já foram expostas em nosso percurso de estudo; não-coincidência interlocutiva entre o enunciador e o destinatário e a não-coincidência do discurso com ele mesmo. Incluem-se nestas não coincidências as que ocorrem entre as palavras e as coisas e as não-coincidências das palavras com elas mesmas.

Para leitura, recorto a quarta das não-coincidências, as das palavras com elas mesmas. Entretanto, cumpre-se evidenciar que a terceira não-coincidência do dizer, as das palavras em relação as coisas, são formas que deslocam hesitações, buscas e dúvidas sobre o tempo a ser empregado, possibilitando o rompimento da relação biunívoca ilusória entre as palavras e as coisas. Trata-se da impossibilidade de capturar o objeto referido apenas pela letra.

A respeito da última e quarta das não-coincidências, a das palavras consigo mesmas, o locutor procura um sentido para determinada palavra, a partir da exclusão de outros possíveis sentidos. Essa representação do dizer consagra o sistema lingüístico de unidades distintas, e testemunha o encontro dos enunciadores com o equivoco, em quatro esferas – “(1) respostas de fixação de um sentido; (2) figuras do dizer alterado pelo encontro com o não-um; (3) o sentido estendido no não-um; (4) o dizer reafirmado pelo não-um” (Authier-Revuz, 1998, p. 25).

Nessa não-coincidência, a autora parte das considerações de Lacan sobre o equivoco da homonímia, que está estreitamente relacionado ao equivoco do dizer das glosas, no qual designam os efeitos de polissemia, homonímia e/ou trocadilhos. Cito uma homenagem à Alencar no jornal *A Opinião*, ano I, 1878;

Entre as joias preciosas do rico thesouro com que José de Alencar, ennobrecendo a patria, immortalisou seu nome, se admiro sempre a grandeza de seu talento, a seiva inesgotavel de suas inspirações, e o vasto cabedal de conhecimentos que tanto realçavam suas obras, a que mais me encantou foi o primoroso mimo de sua imaginação de poeta, intitulado *Sonhos de Ouro*.  
 Não tera' porventura o merito intrinseco de muitas de suas outras produções, não revelara' como nestas o estudo e a meditação, mas nenhuma deleita mais o espirito, porque nenhuma seguramente a excede na belleza da forma, na naturalidade do entrecho, e, mais que tudo, na pureza e elevação do sentimento. Nos *Sonhos de Ouro* é protagonista o coração em toda gala e esplendor de seus primeiros impulsos e percorrendo embevecido a escala esperançosa das emoções electricas do amor. Os *Sonhos de Ouro*, ainda uma vez o digo, são o transumpto perfeito da alma de José de Alencar.  
 (J. P. de Azevedo Peçanha).

(PEÇANHA, 1878- ano I)

Peçanha, no gesto de homenagear Alencar, produz um discurso que matiza modalidades irrealizantes de dizer, ou seja, produz pelas glosas de sentidos um jogo que evoca sempre um *sentido a mais*, irrealizável sobre a palavra na cadeia significante da língua.

Além ou aquém do estudo desses discursos diversos – monossemesantes – pelas quais, procura-se um sentido para as palavras pela própria exclusão de outros sentidos possíveis, o nível excessivo de deslizamentos, reduzidos a “fenômenos lúdicos, ou acidentais, do lado da recepção, a dimensão do equívoco do dizer” (Authier Revuz, 1998, p. 25), produz um efeito de duplo na linearidade do fio discursivo da língua, vejamos: jóias preciosas, seiva inesgotável, vasto cabedal, mimo de sua imaginação, deleita o espírito, pureza e elevação dos sentimentos, o coração em toda a gala, esplendor de seus primeiros impulsos, embevecido, esperançosa das emoções elétricas do amor, transumpto perfeito da alma.

Manifesta nas superfícies do dizer, as não-coincidências das palavras consigo mesmas, faz referência ao “jogo da língua” citado por Lacan como *lalangue*; aquela em que se ancoram a poesia. Assim, este espaço *não-de-si* do dezenove em dizer a poesia na/da língua, a partir de jogos da linguagem, evidencia nas produções jornalístico-literárias um redemoinho de palavras, possível de uma armadilha que escapa ao sujeito;

Era uma lâmpada fragil: a' força  
 de tanta luz—estalou. Carlos França

(Carlos França, 1878- ano I)

## **O Alencar do Jornal: Memória Poética da Língua**

Nesse ponto, cito Pêcheux, toda descrição “está exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de um sentido para derivar para um outro” (Pêcheux, 1983, p.53). Esboça-se neste espaço, aonde são tecidas as homenagens à Alencar o intrincamento das falas dos discursos, sob a forma de um *pré-construído* – ou *já-dito* – do próprio fio discursivo que possibilita inaugurar discursos outros, a partir de uma tomada de posição no fio que se enuncia e remonta sempre a um *já-lá* das formulações possíveis da língua.

Vejamos como Authier-Revuz problematiza a homogeneidade ou a ilusão de unicidade da língua/sentido/sujeito, em face do caráter da heterogeneidade:

A dupla designação de um fragmento outro e da alteridade a que remete constitui, por diferença, uma dupla afirmação do um. Ao nível da cadeia do discurso, localizar um ponto de heterogeneidade é circunscrever este ponto, ou seja, opô-lo por diferença do resto da cadeia, à homogeneidade ou à unicidade da língua, do discurso, do sentido etc.; corpo estranho delimitado, o fragmento marcado recebe nitidamente através das glosas de correção, reserva, hesitação, um caráter de particularidade accidental, de defeito local. Ao mesmo tempo, remete a um alhures, a um exterior explicitamente especificado ou dado a especificar, determina automaticamente pela diferença Um interior, aquele do discurso; ou seja, a designação de um exterior específico é, através de cada marca de distância, uma operação de constituição de identidade para o discurso.  
(Authier-Revuz, 1990, p.31)

A partir desta consideração, a noção do duplo da heterogeneidade exposto à falha própria da língua, que Authier-Revuz denomina de não-coincidências do dizer se inscreve especularmente no eixo da linearidade, possibilitando especificar o *Outro* do discurso que atravessa/constitui o *um* de modo mais marcado. Essa propriedade da reflexividade retomada da linguagem no interior dela mesma, instaura a incompreensão, mal-entendidos, ambiguidade [...], devido à necessidade de fixar o *um*, tido como transparente da linguagem, negando o estranho a esse não *um*, o *Outro*.

De acordo com Orlandi, para Authier-Revuz a noção de heterogeneidade aparece como sendo uma mistura de  $(a+b)$ , sendo estes recuperáveis e distintos. Deste modo, a ilusão do sujeito de estar na origem do dizer, permite a recuperação da homogeneidade, convivendo assim ao mesmo tempo o visível e a unidade. Já para Análise de Discurso é possível somente a combinação  $ab$ , em que não há possibilidade de recuperação da origem, visto que só são efeitos que estão lá.

Do lado das não-coincidências do dizer, no fio discursivo, encontramos *laços* metaenunciativos de dizeres que retomam reflexivamente sobre um determinado ponto de seu



desenvolvimento, desdobrando sentidos que “correspondem a um dos campos nos quais se realiza a configuração enunciativa complexa da modalização autonímica”. (Authier-Revuz, 2010, p.255) A autora neste estudo privilegia as formas marcadas diretamente visíveis no fio discursivo, constituindo uma escala que vai desde as formas mais marcadas, até as menos explícitas, veja:

1) formas explicitamente metaenunciativas “completas”, comportando um eu *digo* X; 2) formas explicitamente metaenunciativas que implicam em eu digo X, subordinadas e sintagmas circunstanciais, posições; 3) formas explicitamente metalingüísticas, como um autônimo X ou Y; 4) formas sem elementos autônimo, ou sem elemento metalingüístico unívoco; 5) sinais tipográficos (aspas, itálico) e de entonação [...]; 6) formas puramente interpretativas [...];  
(Authier-Revuz, 1998, p.19)

Neste ponto, cabe esclarecer que o termo *marcado*, faz referência a um discurso outro, no qual se dobra sobre o *mesmo*. Embora, não seja possível tomar como uma evidência essa marca, pois existe um processo de negociação em curso, as modalizações autonímicas podem perpassar desde por formas marcadas explícitas, menos explícitas, até a um nível de não deixar nenhuma marca ou possibilidade descritível no fio do discurso.

A emergência da relação com o *outro* e o *Outro*, sob as formas da heterogeneidade explicitada/mostrada ocorre simultaneamente em dois domínios: primeiro, na relação do sujeito com seu outro exterior construindo a representação do *um*, segundo, na relação do sujeito com a língua, onde “constrói-se uma representação de sujeito que separa o que é seu e o que é de outro”. (Morello, 1995, p.29)

Assim, a partir da tessitura dos jornais *A Opinião*, recortamos dois enunciados para leitura:

i:

## O Alencar do Jornal: Memória Poética da Língua

Passaram-lhe ahí dolorosas pela imaginação todas estas verdades: —  
“Vão-se todos os nossos homens de talento.  
— Agora este, que escreveu tantos e tão bellos livros!  
Era o autor do GUARANY.  
Esse GUARANY esta’ hoje traduzido na Europa e deu ensejo ao apparecimento de um grande maestro nacional.  
Era uma gloria do paiz esse imaginoso escriptor, e eu gostava delle porque era meu collega e além disto — porque era meu patricio.  
Sinto-me abatido e triste...”

(G., 1878- ano I)

ii:

Para recebê-lo não bastava o tumulto — o abysmo mais profundo — na phrase de Hugo. É por isso que ao verrachiar-se hoje o terreno em fogo da sua provincia parece-me que esta se abre em uma sepultura enorme para receber aquelle grande morto.  
O Ceara’ teve espaço para enterrar todo um povo; é pequeno, no entanto, para tumulto d’aquelle homem.  
*Mariano de Oliveira.*

(Mariano Oliveira, 1878- ano I)

Pensamos os sentidos enquanto espaço de “multiplicidade, da largueza, mas também da truncação” (Orlandi, 1990, p 43), espaço de emaranhamento dos dizeres possíveis de um já lá da memória da língua. Nessa perspectiva, ao lermos os dois enunciados citados acima, podemos propor que a alteridade que atravessa o fio discursivo, designa o Outro no próprio ato de enunciação. A esse fenômeno, denomina-se heterogeneidade mostrada marcada ou não marcada.

Authier-Revuz discute que a heterogeneidade mostrada marcada se dá no momento em que o Outro explicitamente é notado, através das aspas, das glosas, do itálico etc. Caso não haja nenhum indício explícito na materialidade da língua, temos a heterogeneidade mostrada, porém não marcada. Nestas situações a heterogeneidade apresenta-se apenas como efeito de um dito que se articula a um não dito, possível na reminiscência, na imitação, na alusão etc.

Na primeira citação o comentário inicial explicita o lugar discursivo onde o enunciador do texto se põe a falar sobre Alencar - “Era uma gloria do *paiz* esse imaginoso escriptor, e eu gostava delle porque era meu collega e além disto – porque era meu patricio”. É interessante também observar que o enunciado encontrado entre aspas foi especificado por uma glosa empregada pelo próprio articulista. Na glosa - “Vão-se todos os homens de talentos. Agora este, que escreveu tantos e tão bellos livros” - constitui-se o espaço do ‘outro’, o interlocutor, evidenciando com isso o efeito de que todo o restante do dizer lhe é particular, original, afinal Alencar fora considerado pelo próprio articulista seu “patricio”. Esse funcionamento discursivo apresenta a distância existente entre os posicionamentos discursivos do articulista e seu interlocutor, o que configura uma não-coincidência interlocutiva. As aspas assim materializam o contato do sujeito com o seu outro, pois delimita o espaço que essa outra voz poderia ocupar, produzindo o efeito de unidade no ato discursivo.

No segundo enunciado, essa não-coincidência interlocutiva mostrada de modo não marcado, se evidencia, quando Oliveira faz alusão às palavras de Victor Hugo (1802-1885), vejamos: “Para recebê-lo não bastava o tumulto – o abysmo mais profundo – na frase de Hugo”. O efeito de unidade nesta segunda citação é sinalizado pela distância que o articulista tenta impor, ao atribuir o sentido pelo discurso do outro, especificando assim, uma não-coincidência no fio discursivo.

Todavia, quando Authier-Revuz afirma que o interdiscurso corresponde ao ‘isso fala’, o sentido já lá da heterogeneidade constitutiva e como-diz-outro da heterogeneidade mostrada, observamos que o que está sendo colocado em pauta é o visível, o mostrado, que, já para a teoria da Análise do Discurso corresponde ao dizível, ou seja, a relação do sujeito com as formações discursivas (FDs), com o discurso. Em Orlandi, a noção de heterogeneidade aparece em Authier-Revuz como sendo uma mistura de  $(a+b)$ , recuperáveis e distintos. Desta forma, a ilusão do sujeito estar na origem permite a recuperação da homogeneidade, convivendo assim ao mesmo tempo o visível, e a unidade. Já na vertente da Análise de Discurso é possível somente a combinação  $ab$ , onde não há possibilidade de recuperação da origem, visto que só são efeitos que estão lá.

O processo de indistinção dos dizeres sobre/de José de Alencar no século XIX determina o não-limite nessa relação com a alteridade, visto que, o jogo com o outro neste espaço jornalístico se desfaz pelo uso ou menção de um interlocutor, dessa forma o sujeito/articulista que enuncia representa o dizer como sendo seu, porém ocupando ao mesmo tempo a posição de observador exterior à língua em sua própria enunciação.

## **O Alencar do Jornal: Memória Poética da Língua**

Daí, nesses processos de indistinções dos dizeres estão pressupostos sujeitos e sentidos que permanecem incompletos. A noção de incompletude discutida por Orlandi (1987) é a condição primária para que haja a existência da linguagem, do sujeito e do sentido, é possibilidade dos sentidos se deslizarem, tornarem-se outros. Sendo este, o espaço “onde o outro surge como aquilo de que também poderia dizer-se, de que desejaria esconder, mas que permanece latente, como constante opção” (Morello, 1995, p.63). A relação de alteridade configura-se como algo longe de ser unívoco e claro, pelo contrário, é desorganizado e confuso. O modo de dizer do articulista/poeta está acoplado a um dizer outro, indistinto, que se dá na relação com a incompletude. O estranhamento com o “grande” *Outro* da ordem do inconsciente e o *outro* “pequenino” da enunciação, simboliza a eterna reivindicação do sujeito com o seu próprio e original. A impressão mais concernente, a partir desse conjunto de observações, é a de que *sujeito origem* (o da psicologia) precisa marcar o aprisionamento das palavras, dos sentidos como lhes sendo particulares.

Outro modo de resposta é a de que instalado na evidência de sujeito, os sentidos em efeito de retorno, de desdobramento, se estendem em repetições inesgotáveis, a partir de laços meta-enunciativos, reflexivos no fio discursivo. E a alteridade passa a constituir um espaço heterogêneo e múltiplo de dizeres possíveis, em um espaço possível, a partir de uma memória da língua que se ressignifica-se na/pela história.

### **Referências:**

ALMEIDA, Eliana de. **Poesia**: A arte da língua. 2010.

AUTHIER-REVUZ. As não-coincidências do dizer. In: Authier-Revuz, Jacqueline. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Campinas, São Paulo: Ed. UNICAMP, 1998, p. 13-28.

AUTHIER-REVUZ. Falta do dizer, dizer da falta: as palavras do silêncio. IN: ORLANDI, Eni. P. [et al.] **Gestos de leitura**: da história do discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, pp. 253-277.

AUTHIER-REVUZ. Dialogismo e divulgação científica. In **Rua: revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade**. Número 5, março de 1999. Campinas, SP.

AUTHIER-REVUZ. “Heterogeneidade(s) enunciativa(s)”. Trad. de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. In: **Cadernos de Estudos Linguísticos 19. O Discurso e suas análises**. ORLANDI, E. P. e GERALDI, J. W. (Orgs.) Campinas : UNICAMP, 1990, p. 25-42.

FEU DE CARVALHO, Frederico Zeymer. Retificação sobre o sujeito: “Só há causa do que falha”. In: **O sujeito no Discurso**: Pêcheux e Lacan. Belo Horizonte; UFMG, 2008.

GUIMARÃES, Eduardo. **Enciclopédia de línguas**.

[http://www.labeurb.unicamp.br/elb/portugues/lingua\\_nacional.htm](http://www.labeurb.unicamp.br/elb/portugues/lingua_nacional.htm). Acesso em: mar. 2011.

INDURSKY, Freda. Reflexões sobre a linguagem: De Backhtin à Análise de Discurso. In: **Línguas e Instrumentos Linguísticos**. Pontes; Campinas: Ed. Campinas, 2000, p. 69- 88.

LEITE, Nina V. A., Psicanálise e Literatura. IN: **Revista de Linguagem, Cultura e Discurso**. N. 7, Campinas: SP, 2007.

LEMOS, Claudia. Poética e significante. **Letras&Letras**, N. 25 (1) 207-218, Uberlândia: MG, 2009.

MARIANI, Bethânia. Língua nacional e pontos de subjetivação. IN: **Revista Estudos Linguísticos**, N. 37 (3): 25 – 31, São Paulo, 2008

MORELLO, Rosângela. **Os meandros da alteridade: Marcas de dizer e indistinção de vozes no discurso**. Campinas/SP; UNICAMP, 1995.

ORLANDI, Eni P. Não o outro, Mas o diferente. In: ORLANDI, Eni P., **Terra À Vista - Discurso do Confronto: velho e novo mundo**. Cortez; São Paulo: Ed. Campinas, 1990, p. 38- 44.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. Campinas: Cortez/Editora da Unicamp, 1988.

ORLANDI, Eni P. (et al.). **Sujeito & Discurso**. São Paulo: Editora da PUC-SP (Série Cadernos PUC – 31).1988b.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios & procedimentos**. ed. 6°. São Paulo: Pontes, 2005.

PAYER, Onice. **Memória da língua; imigração e nacionalidade**. São Paulo: Ed. Escuta, 2006.

PÊCHEUX, M.; GADET, F. **A língua inatingível: O discurso na história da Lingüística**. Campinas: Pontes editora, 2004.

PÊCHEUX, M.; GADET, F. **O Discurso - estrutura ou acontecimento**. Trad. de Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1983.

PÊCHEUX, M.; GADET, F. **Semântica e discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio**. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998. (Coleção Repertórios).